



RETROSPECTIVA DE DESAFIOS E MOTIVAÇÃO

Ainda em 2010, a suinocultura brasileira já contribuía sobremaneira para a segurança alimentar e vigor do agronegócio nacional. Era o tempo em que a cadeia produtiva era favorecida pelo custo de produção e da alimentação dos animais (principalmente por conta do milho à R\$ 22,00/saca de 60 kg e do farelo de soja à R\$ 640,00/tonelada) e pelo preço da carne suína valorizado pelos clientes internacionais, enquanto que aproximadamente 20% da produção era exportada para a Rússia, Hong Kong e Ucrânia, e o consumo doméstico girava em torno de 14 kg per capita. Os produtores apostavam na maior demanda da proteína animal impulsionada pelo incremento da renda familiar, e os varejistas e revendedores agregavam praticidade e valor com a oferta de cortes variados.

Já em 2011, a quantidade de carne suína exportada recuou mais de 4%, por conta da valorização do real no primeiro semestre e dos embargos comerciais. O mercado doméstico absorveu 180 mil toneladas a mais, e o consumo per capita superou os 15 kg. O aumento no custo de produção determinado pela valorização expressiva dos insumos da alimentação estabeleceu um ritmo acelerado no abate de matrizes e, sobretudo, animais mais leves, embora a intensificação dos embarques para a China e a abertura dos mercados do Japão e Coreia do Sul sinalizavam maior ritmo à produção de carne suína.

A receita da exportação de carne suína em 2012 crescia 4% e a quantidade embarcada mais de 12%, apesar da contínua evolução da produção na Rússia e do embargo argentino. O salto do preço do milho e farelo de soja inviabilizava muitos pequenos e médios empreendimentos independentes e influenciava negativamente a demanda por rações. A liquidação forçada de parte dos plantéis ofertou mais carne no mercado doméstico e pressionou o preço do animal vivo, que desvalorizou 3% ao longo do ano. Já em 2013,

a liquidação forçada, inclusive de reprodutoras, manteve escassa a oferta de leitões, circunstancialmente associada à disponibilização de terminados mais leves, bem como o arrefecimento dos embarques para o exterior, esfriaram a demanda por ração.

No ano seguinte, em 2014, apesar do alívio do custo do milho e do farelo de soja e dos bons preços pagos aos produtores, a oferta de suínos para abate permaneceu alinhada à demanda, por causa da limitação do plantel de matrizes e reprodução de leitões. Já o estímulo à produção de carne suína por causa da ampliação de oportunidades do mercado externo (enfermidade viral na China e nos Estados Unidos, conflito geopolítico na Ucrânia, etc.) incrementou a atividade e determinou maior taxa de abate e peso dos terminados.

Em 2015, por sua vez, a recuperação das exportações da carne suína e a maior procura do consumidor por causa do alto preço da carne bovina potencializaram os abates, apesar do mercado de animais vivos ter permanecido enxuto.

Durante 2016, o preço alto da carne bovina determinou recuperação significativa das exportações de carne suína e maior procura do consumidor doméstico, o que potencializou os abates. Em contrapartida, a pressão do custo da alimentação à base de milho e farelo de soja forçou o abate de matrizes e a terminação de animais mais leves.

Em 2017, a quantidade de carne suína exportada recuou quase 3% e, em resposta, a produção de rações para suínos permaneceu praticamente estabilizada. O crescimento da produtividade e a intensidade tecnológica empregada na cadeia produtiva industrial, além da oferta de carne suína ajustada à demanda, contribuíram apenas marginalmente no reforço dos abates daquele final de ano.

Durante o ano de 2018, a demanda por rações para suínos ainda avançou, mesmo que ligeiramente, apesar do retrocesso nas exportações devido ao embargo russo e ao baixo



Ariovaldo Zani

é médico veterinário
Professor MBA/PECEGE/
ESALQ/USP
Presidente do Colégio
Brasileiro de Nutrição
Animal/CBNA



SUINOCULTURA	2010	2011	2012	2013	2014	2015	2016	2017	2018	2019	2020	2021*
RAÇÃO (MILHÕES TONS)	15,4	15,4	15,1	14,9	15,2	15,8	16,4	16,5	16,8	17,7	18,8	19,8
CARNE (MILHÕES TONS PRODUZIDAS)	3,2	3,4	3,5	3,4	3,5	3,6	3,7	3,8	4,0	4,0	4,4	4,7
CONSUMO (KG/CAPITA)	14,1	14,9	14,9	14,5	14,7	15,1	14,4	14,7	15,3	15,3	16,0	16,8

*Estimativa | Fonte: Sindirações/Boletim Anual; ABPA/Relatório Anual

preço pago ao suíno vivo que corroía a rentabilidade dos produtores. Já em 2019, a produção de rações para suínos avançou impulsionada pela demanda incremental chinesa, cujo plantel fora abatido pela epidemia de peste suína africana.

Em 2020, as avassaladoras epidemias combinadas (peste africana e Covid-19) abateram o rebanho suíno e a população Chinesa, respectivamente. Essas crises sanitárias e simultâneas aprofundaram o déficit de proteína animal e incrementaram ainda 456+ as remessas brasileiras de carne suína àquele destino. Apesar dos esforços chineses para restabelecimento da produção local, a dependência por suprimento externo estabeleceu novo recorde à pauta exportadora brasileira que, somada ao reforço do auxílio emergencial, assegurou o avanço da cadeia produtiva durante o ano.

Ao longo de 2021, a exportação de carne suína alcançou mais de 1 milhão de toneladas, principalmente por conta dos embarques para a China e a produção de ração atendeu a contento a demanda incrementada.

O status da atividade suinícola e, consequentemente, a produção de ração ao longo de 2022 vão depender do balanço dado pelas oportunidades (conquista de novos mercados importadores, caso da Rússia, concorrente que

RESPEITOSAMENTE, CUMPRIMENTO TODOS OS SUINOCULTORES E ENALTEÇO SEU CIVISMO POR GARANTIR A SEGURANÇA ALIMENTAR DOMÉSTICA E DE TANTOS CONSUMIDORES INTERNACIONAIS

voltou a ser cliente, somada ao consumo doméstico atual de carne suína que já se aproxima dos 17 kg/capita) e pelas ameaças (meta da China em alcançar autossuficiência, além da corrosão financeira que aflige, principalmente os suinocultores independentes, à exemplo do milho e do farelo de soja, que em fevereiro continuavam às alturas, ou acima de R\$ 100,00/60 kg e R\$ 2900,00/tonelada, respectivamente).

Respeitosamente, cumprimento todos os suinocultores e enalteço seu civismo por garantir a segurança alimentar doméstica e de tantos consumidores internacionais, além do singular destemor, por não se acovardarem diante das tantas intercorrências simultâneas que assolaram e continuam afligir o cotidiano. ■